

Overdose de Lula

(Fernando Canzian)

A eleição de 2010 ocorre em contexto de uma inédita melhora na distribuição de renda no Brasil.

Entre 2003 a 2010, a proporção de brasileiros vivendo abaixo da linha de miséria (com menos de R\$ 137 ao mês) caiu expressivos 43%. Se a velocidade da diminuição da pobreza não tivesse se acelerado nos últimos anos, teríamos 50 milhões de miseráveis vivendo entre nós, e não "apenas" 30 milhões.

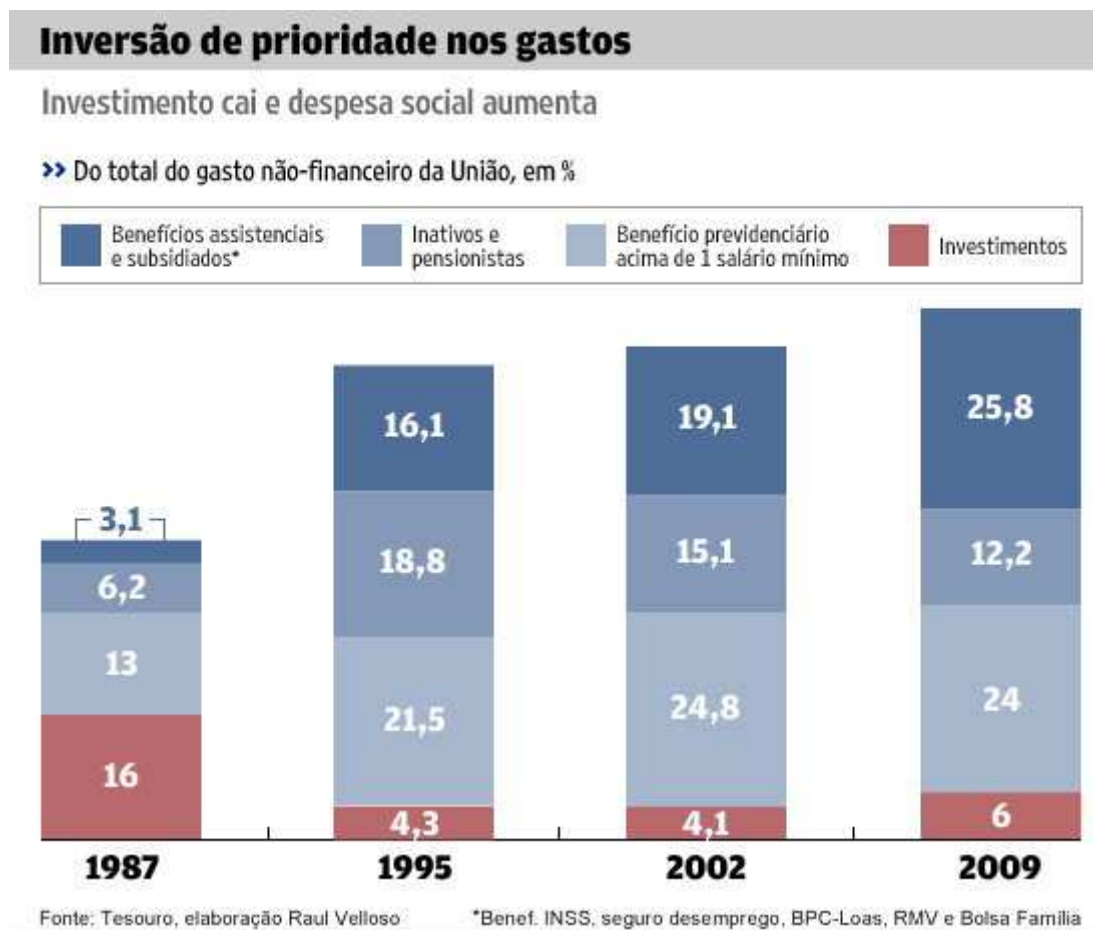
Hoje, a renda per capita dos brasileiros cresce a um ritmo de 5,2% ao ano. No Nordeste, a velocidade é chinesa, 7,3%. Entre os 10% mais pobres do país, a renda cresce três vezes mais rápido (cerca de 15% ao ano) do que a média nacional.

Os cálculos são dos especialistas no assunto Marcelo Neri (FGV-RJ) e Ricardo Paes de Barros (Ipea). Os dois são entusiastas do que vem ocorrendo no país nos últimos anos.

É de Lula o mérito de ter conseguido inserir esse novo dinamismo na economia brasileira, que, deveríamos reconhecer, evoluiu assentado em bases sólidas fincadas por FHC. E, compreensivelmente, o presidente buscará colher todos os frutos eleitorais disso.

Em retrospecto, isso foi possível graças a uma massificação de programas sociais, aumentos reais do salário mínimo e outras medidas federais para distribuir renda. O início desse processo gerou um novo dinamismo econômico, especialmente no Nordeste. E ele foi paulatinamente sendo sustentado cada vez mais por empregos criados.

Hoje, o Bolsa Família custa mais de R\$ 12 bilhões ao ano. Juntamente com outros benefícios pagos pelo governo federal e aposentadorias a inativos e pensionistas, a União gasta atualmente R\$ 0,62 para cada R\$ 1,00 desembolsado em despesas não-financeiras. É uma enormidade. Por isso, sobram apenas R\$ 0,06 para cada real em gastos com investimentos em infraestrutura.



Reequilibrar essas despesas de modo a sobrar mais para investimentos é talvez um dos maiores desafios do novo governo.

Mas, felizmente, o que sustenta o crescimento da renda hoje é o emprego formal (12,2 milhões a mais no governo Lula).

Na média da década, a renda do trabalho explicaria 67% da redução da desigualdade. O Bolsa Família, cerca de 17%, e os gastos previdenciários, 15,7%.

Esse impacto da redução da desigualdade social não será nada desprezível nesta eleição.

Como observou o colega Josias de Souza a partir da última pesquisa Datafolha, há cerca de 14% do eleitorado, a maioria no Nordeste, que se diz disposto a votar em quem Lula mandar. E esses 14% ainda nem sabem que Dilma é candidata.

No início deste mês, o colunista teve o seguinte diálogo com Sueli Dumont, uma miserável de Pernambuco e beneficiária do Bolsa Família:

FOLHA - A sra. sabe que haverá eleições neste ano?

SUELI DUMONT - Para prefeito?

FOLHA - Não, para presidente. A sra. conhece os candidatos ou sabe em quem vai votar?

SUELI - Em Lula!

FOLHA - Mas ele não pode ser candidato desta vez...

SUELI - Ai meu Deus! Pode não?

KÉSSIA (filha de Sueli) - Ô "mainha", é a mulher de Lula que vai entrar no lugar dele.

SUELI - Como é o nome dela?

KÉSSIA - É Vilma.

SUELI - Vou votar em Vilma.



Sueli Dumont (sentada, na foto de cima) e Pedro Silva (abaixo) desconhecem Dilma

A família de Pedro Silva, também beneficiária do Bolsa Família e que vive na favela Suvaco da Cobra, a poucos metros de Sueli, também desconhece a existência de Dilma. Mas Pedro afirma que votará, "com toda a certeza", no candidato que o presidente indicar.



A tarefa do tucano José Serra nesse pleito não será fácil. Para compensar a possível massificação de votos em Dilma no Nordeste, ele terá de vencer em São Paulo e Minas.

O cientista político Leônicio Martins Rodrigues fez a seguinte avaliação para a coluna sobre as chances de Serra diante da forte popularidade de Lula e do novo contexto de melhora na distribuição da renda:

"Nas eleições de 2006, Geraldo Alckmin venceu em São Paulo no segundo turno, mas com apenas 4% de diferença. Minas e Rio votaram maciçamente em Lula. No Rio, Lula teve 70% dos votos. Em Minas, 65%.

São Paulo sozinho tem 29% do corpo eleitoral, mais do que o segundo e o terceiro colégios reunidos. Mas não decide sozinho a competição para a Presidência.

Para compensar as vantagens de Dilma no Nordeste e Norte, Serra teria que abrir boa margem de diferença nesses três colégios. Mas a dimensão dessa margem depende também de sua votação no Nordeste.

Mas não resta dúvida de que os grandes colégios eleitorais serão as arenas decisivas e deverão receber a atenção prioritária dos candidatos. Desse ponto de vista, Dilma leva uma desvantagem porque não tem vinculação forte com nenhum grande Estado", analisa Leônicio.

É aí que Lula entra. Sai o "Lula lá" e vem "Lula pra todo lado".



Painel e correspondente em Washington e Nova York. Ganhou um Prêmio Esso em 2006 e é autor do livro "Desastre Global - Um ano na pior crise desde 1929". Escreve às segundas-feiras na Folha Online.